

AQUELE TOQUE

Humberto de Oliveira¹

A Evandro César

Sentada em sua velha poltrona, ela vê a réstia de sol aproximar-se, pouco a pouco escalando a ponta dos artelhos, avançando sobre as suas unhas e ela percebe que, devagarzinho, um calor morno lhe fará de novo cochilar, afogada assim por esse pedaço de sol que lhe aquecerá as pernas desobedientes que não mais querem atender ao seu comando. Já não chora, agora, como em outros tempos, quando as lágrimas lhe escorriam da face já ao despertar, em cada manhã. Deixou-se ficar, aceitou com silenciosa resignação essa que lhe parecia ser uma herança familiar, pois assim também se findara sua mãe. Por isso, talvez, apenas suspire quando se lembra que necessitará dos outros, marido ou filho, ou criada, para cuidar de si mesma. Também não reza mais. Um pacto com Deus selou esse acordo: ela aceitou a parte que lhe coube nessa vida, mas liberou-se também de qualquer súplica. Perdeu os movimentos, mas conservou as lembranças que lhe eram tão caras. Como esta agora que lhe ocorre, quando ele, com um carinho que parecia desaparecido, que somente agora em sua doença voltou a revelar-se, puxa a manta de suas pernas para que os seus inflexíveis joelhos possam receber o sol. Por isso um rubor lhe vem à face e ela não pode deixar de esconder um sorriso malicioso que surpreende o marido, que também arranca dele um outro sorriso, numa espécie de riso contido e olham-se nos olhos, e ele compreende que uma lembrança comum volta a uni-los neste momento. E põe sua mão sobre a dela, quente, morna, e ela fecha os olhos, comovida, o coração cheio de gratidão, de repente renovado por aquela lembrança de amor.

Quando ele apareceu, ela sequer prestou atenção, tanto já não mais pensava que ainda esperasse conhecer o amor. É que sentia sua juventude gastar-se no pequeno espelho do quarto onde morava em casa de sua tia por afinidade e a quem seus pais a confiaram para servir como companhia, e também para que pudesse ter do que viver. A vida no campo tinha se tornado difícil, e seus pais descobriram que as terras que possuíam eram um reino senão árido, ao menos cada vez menos próspero.

Seu trabalho não era de todo pesado. Não lavava, não passava, e até mesmo a cozinha ficava a cargo de uma empregada. Cabia-lhe, no entanto, a responsabilidade em manter limpos os móveis, zelar pela dispensa – a tia sempre achava que os empregados furtavam!- e acima de tudo bordar e costurar enquanto servia de companhia à velha senhora

1 Ensaísta e escritor, Doutor em Literatura Comparada, é professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (Brasil).

que, quase sempre, rompia o silêncio com ordens miúdas, numa voz muito rouca de fumante compulsiva, que negava o tom gentil e até mesmo afetuoso: buscar aquele novelo de lã vermelha esquecido numa gaveta no sótão, comprar cigarros na mercearia da esquina, ver se aquele ponto do bordado estava certo, e o mais comum: confirmar se de fato fazia muito calor ou muito frio, conforme a estação. Nos fins de tarde, regava as plantas, que o pomar era rico em espécies – o que lhe fazia manter-se em constante recordação com a fazenda onde nascera e crescer!- sem contar a imensa parreira e o caramanchão de mimo-do-céu.

Não recebia salário, mas tinha casa e comida e alguma gratificação, um agrado, como lhe dizia a tia. Economizando o mais que podia, pois com exceção de uma sessão de cinema uma vez por mês, ela não gastava nada consigo mesma, podia vez em quando enviar para os pais algum dinheiro para ajudar nas despesas domésticas. O tempo passava entre alinhavos, arremates, pontos de cruz e em demoradas colchas de retalhos que, para ela, se assemelhavam ao próprio viver, num emaranhado aparentemente insolúvel, mas que terminavam por realizar-se ou em espetáculos que enchiam os olhos e aumentavam sua autoestima, ou em medianos resultados que pareciam com sua própria existência. O certo é que, ao olhar-se no espelho, às vezes não distinguia se era o vidro ou sua imagem, ou ambos que esmaeciam.

Perto dos quarenta, quando ele chegara, ela já não acreditava ser possível. Por isso demorou a perceber o interesse com que aquele homem a tratava, os sorrisos que acompanhavam os litros de leite despejados na vasilha que ela sustentava. Somente quando ele segurou sua mão, foi que ela percebeu que tinha despertado desejos num homem, que ainda estava pronta para o amor. Sentiu apenas o receio de que seu pai não aprovasse aquela ligação com um simples leiteiro que fazia seu trabalho numa bicicleta, o que fazia dele, aos olhos dos afortunados em terras e bens, apenas e tão somente um ‘sem eira nem beira’. Lembra-se do desprezo do velho pai diante do nome de seu primeiro namorado, filho de um pequeno proprietário, tendo por rebanho apenas ovelhas e uma vaca parida. É certo que o rapaz costumava embriagar-se nos domingos, mas ela ainda achava que a extrema pobreza tinha sido o determinante para a avaliação negativa. Com a voz embargada pela raiva e pelo orgulho ferido, o rapaz se despedira depois de ouvi-la repetir que não fugiria com ele. Na noite fria, ele esporeara o cavalo, já sem temor de ser descoberto, antes desejando um confronto com o impossível sogro. Ela chorara quase todo o curto inverno. Mas foi só. Depois, apareceram outros. Não foram muitos, mas o suficiente para ela saber que despertava o interesse dos homens. No entanto, nenhum lhe despertou nenhuma vontade, nem lhe mereceu inquietação. O não de seu pai serviu como legitimação para seu próprio desinteresse.

Por isso, ela resolvera lutar por este inesperado príncipe que montava uma bicicleta e não um cavalo puro sangue. Sua tia e também madrinha a quem o rapaz convencera de suas intenções de casar, resolveu interceder para minorar o que chamou falta de sorte da afilhada. E logo conseguiria para ele um emprego de motorista de caminhão na firma do marido de uma amiga. Meses depois, tendo assim subido na vida, ele pudera namorar na porta, com direito a uma xícara de café-com-leite e fatias de bolo de laranja, nas noites

de domingo. Ela se compenetrara de sua nova situação e um viço novo reapareceu em sua pele, realçando o moreno acobreado do seu rosto que, agora, resplandecia no novo espelho. Uma longa carta escrita por sua tia convenceria também os pais dela que a riqueza do pretendente era seus atributos morais e o amor por sua filha, patrimônios mais que suficientes. E logo eles noivaram, com direito a longos passeios de bicicleta pelos caminhos verdejantes que bordavam a cidade. Com a cabeça recostada no peito dele, ela deixava-se levar, inebriada por sua colônia pós-barba. Quando a bicicleta parecia perder o equilíbrio, ele a abraçava ainda mais forte, numa risada alegre e lhe dizia que confiasse nele. Ela fechava os olhos e apertava a mão forte sobre o guidon, e pedia a Deus que a deixasse ficar assim, envolta pelo amor, sustentada no ar pelo amor daquele homem carinhoso a quem ela amaria com devoção. Depois, a bicicleta domada pela mão forte do montador, ela abria os olhos e contemplava a beleza das paisagens rurais que lhe traziam tantas lembranças. Sentada na grama ao lado dele, com delicadeza ela sustentaria a mão que puxava a barra da sua saia, para que os joelhos aproveitassem o calor do dia, ele falava enquanto sorria, calando seu protesto com um demorado beijo. E ela se lembraria, para sempre, como agora, do mesmo rubor que lhe vem ao rosto ante o toque dessa mão que ela jamais se cansara de beijar e que, com carinho renovado, parecia estar esquecido.

Por isso, vendo-o puxar a manta de seus joelhos, olhando-o sem dizer uma só palavra, ante o toque que acorda suas lembranças, ela sente que uma prece muda lhe vem ao coração e se vê agradecendo ao Universo por ter sido capaz de despertar o amor deste homem.